



## JOÃO CLÍMACO BEZERRA

João Clímaco Bezerra nasceu na cidade de Lavras da Mangabeira, Ceará, no dia 30 de março de 1913 e faleceu no Rio de Janeiro em 4 de fevereiro de 2006, aos 93 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará e contador pela Escola de Comércio Padre Champagnat, onde iniciou sua carreira no magistério. Foi técnico de Educação e professor das Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas da UFC e da Escola de Administração do Ceará. Trabalhou como chefe de relações públicas do Banco do Nordeste e na Confederação Nacional da Indústria, no Rio de Janeiro.

Romancista, contista, cronista e jornalista de renome nacional, desenvolveu intensa atividade no jornal *O Unitário*. Sua obra inicial foi *Não há estrelas no céu*, incorporando-se com esse livro aos escritores que souberam criar o chamado “romance cearense”. Foi membro fundador do Grupo Clá e fez parte do Conselho de Cultura do Ceará. Publicou as seguintes obras: *Não há estrelas no céu*, 1948; *Longa é a noite*, 1951; *Sol posto*, 1952; *Duas novelas*, 1952, em conjunto com Stênio Lopes; *O homem e seu cachorro*, 1959; *O semeador de ausências*, 1967; *A vinha dos esquecidos*, 1980; e estudos sobre *Juvenal Galeno*, 1959 e *Humberto de Campos*, 1965. Artur Eduardo Benevides o incluiu entre os poetas bissextos do Ceará.

Ingressou na Academia Cearense de Letras após a reorganização ocorrida em 1951. Tomou posse no dia 27 de junho de 1953, ocasião em que foi saudado pelo poeta Filgueiras Lima. Ocupou a cadeira número 9, cujo patrono é Fausto Barreto.

### CABOCLA

*Cabocla das carnes roliças e queimadas,  
a tua alma é o berço  
onde dormem as doces canções da minha terra.  
Por ti, soluçam as tristes violas das várzeas.  
Por ti, canta o sertanejo a sua doce toada de saudades...  
Cabocla,  
eu sonho com um homem forte e poderoso,  
cheio de fé pelo Brasil,  
que te vencerá um dia.  
Quando a terra do sertão  
for toda golpeada de estradas de rodagem,  
nunca mais ouvirás, cabocla,  
o sertanejo cantando a sua doce toada de saudades.  
Nem as várzeas cobertas de açudes  
escutarão os doces acordes da viola.*

*Só o ruído ensurdecedor das máquinas do homem novo  
quebrará o doce silêncio da terra sertaneja.  
Que tristeza imensa sentirei nesse futuro!  
Eu morrerei de saudades da cabocla  
e o sertão de saudades da viola.*

FONTE: BEZERRA, JOÃO CLÍMACO. CABOCLA. VALOR, FORTALEZA, v. 2, n. 13, NOV. 1939. p. 540.

CABOCLA

Cabocla das canções antigas e modernas,  
a tua alma é o berço  
onde dormiram os sonhos antigos da terra.  
Por te esquecer eu tenho sentido esta tristeza.  
Por te lembrar o coração se torna doce e a saudade  
Cabocla,  
eu soube com um coração forte e pedregoso,  
cheio de fé pelo Brasil,  
que te vençerei um dia.  
Quando a terra do sertão  
for toda golpeada de estradas de rodagem,  
nenhum mais ouvirá cabocla,  
o sertãojo cantando o seu doce toado de saudade.  
Nem os antigos cobores de viola  
cantando os seus acordes de viola.